



25

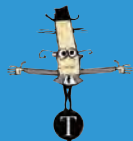


Leitor em processo
A partir de 8/9 anos

Ninguém sabe, ninguém viu. O fato é que dentro da antiga máquina de escrever mora um homenzinho menor que um grão de arroz. Apesar da aparência de velhote, vive pregando peças nas palavras. Meio maluco, adora jogar letra-relâmpago. É só ouvir o tec-teclar do escritor para o senhor Minúsculo logo armar o salto estilingue, lançar-se em direção aos caracteres impressos e transformar-se num deles... Aí vem o pega-pega com as sílabas, o esconde-esconde de sentidos, a ciranda de histórias...

Marcílio Godoi nasceu em Minas Gerais. Trabalhou como arquiteto e jornalista antes de se tornar escritor. Em tudo o que escreve, o senhor Minúsculo faz uma pontinha. E agora ganhou a própria história.

Marcos Garuti nasceu em São Paulo. Desenhista autodidata, ilustra livros infantojuvenis desde 2006. Em seu trabalho, gosta de usar cores fortes e técnicas como carimbo, colagem e decalque.



1 4 5 1 4 7

ISBN 978-85-418-0260-4



9 788541 802604

25

A inacreditável história do diminuto senhor Minúsculo



Marcílio Godoi

Prêmio  Barco a Vapor 2012

sm

sm

BARCO

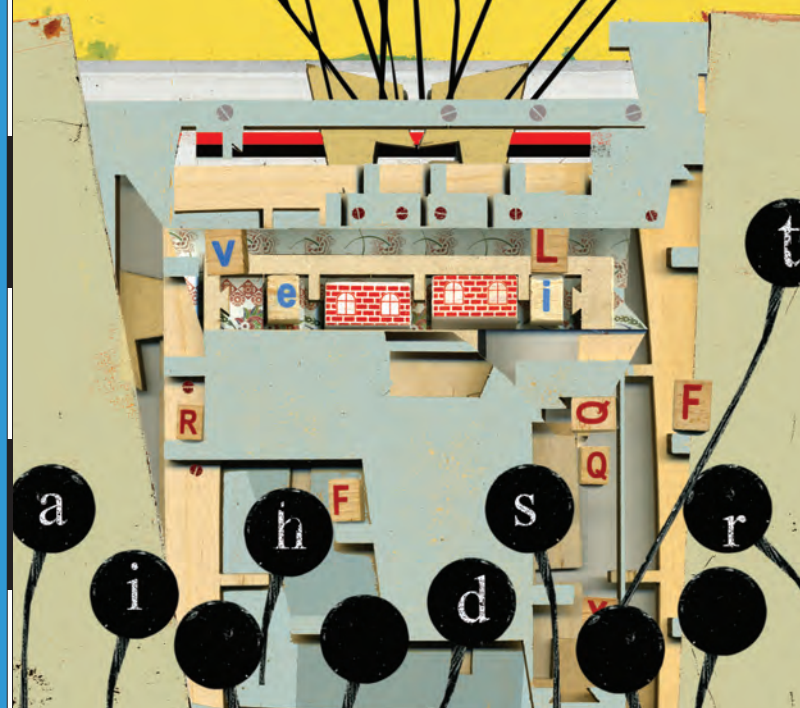


A VAPOR

A **Marcílio Godoi**
inacreditável
história do
diminuto
senhor
Minúsculo

ilustrações

Marcos Garuti



A **inacreditável**
história do diminuto
senhor **Minúsculo**

© Marcílio Godoi (texto), 2013

Júri do Prêmio Barco a Vapor 2012

Fernando Augusto Magalhães Paixão, Graziela R. S. Costa Pinto,
Ivone Daré Rabello, Maria Zélia Versiani Machado e
Ricardo José Duff Azevedo.

Gerência editorial Cláudia Ribeiro Mesquita

Coordenação editorial e edição Graziela R. S. Costa Pinto

Preparação Marcia Menin

Assistência editorial Belisa Monteiro

Revisão Carla Mello Moreira

Edição de arte Leonardo Carvalho

Assistência de arte Ana Cristina Dujardin

Produção industrial Alexander Maeda

Impressão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Godoi, Marcílio

A inacreditável história do diminuto senhor
Minúsculo / Marcílio Godoi ; ilustrações Marcos Garuti.
-- 1. ed. -- São Paulo : Edições SM, 2013. --
(Coleção barco a vapor; 25. Série azul)

ISBN 978-85-418-0260-4

1. Jogos de palavras - Literatura infantojuvenil
2. Literatura infantojuvenil I. Garuti, Marcos. II. Título.

13-05461

CDD-793.73403

Índices para catálogo sistemático:

1. Jogos de palavras : Literatura infantil 793.73403
2. Jogos de palavras : Literatura infantojuvenil 793.73403

*Faixas etárias de leitura elaboradas a partir das categorias
sugeridas por Nelly Novaes Coelho*

1ª edição junho de 2013

2ª impressão 2014

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111.7400

www.edicoessm.com.br


A **inacreditável**
história do diminuto
senhor **Minúsculo**


Marcílio Godoi

ilustrações Marcos Garuti

Prêmio  Barco a Vapor 2012



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Sumário

Invisível habitante	6
Cine -literatura.....	10
Diversão favorita	14
Peletra : o penetra letra.....	18
No país da reformagia	26
Dentro-além da palavra.....	36
Dsm 2.o.....	46
Apoie : POE S IA.....	54

Invisível

habitante



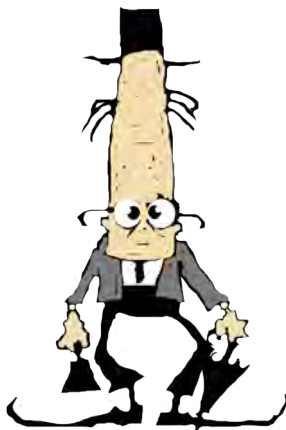
Esta é a história de um homenzinho que escolheu viver entre as letras. Um pequeníssimo habitante de uma máquina de escrever portátil. O sujeito era tão pequeno que ninguém o via sob as teclas. Menor do que um grão de arroz, ele tinha mais ou menos o tamanho de uma nota de rodapé.

Apesar de minúsculo, aparentava ter a idade de um velhote, a contar pelos cabelos ralos e pela testa alta e reluzente, mal disfarçada pelo chapéu, que ocupava mais espaço em sua fisionomia que a própria cara. Para completar, usava óculos redondos fincados na metade do nariz.

Mas o diminuto senhor tinha muito estilo: porte elegante, sempre bem-vestido com camisa social branca, terno cinza e gravata preta. Ah, e calçando sapatos de bico fino, bem engraxados, tão brilhantes como seus cabelos

com gel. Aonde quer que fosse, levava uma valise e um guarda-chuva.

Meio maluco, engraçado, era inteiramente apaixonado pelas palavras. Estava sempre muito atento ao universo das letras atiradas pelo bodoque metálico da máquina datilográfica, antigo mecanismo de escrever que permitia digitar e imprimir ao mesmo tempo.





T

m

?

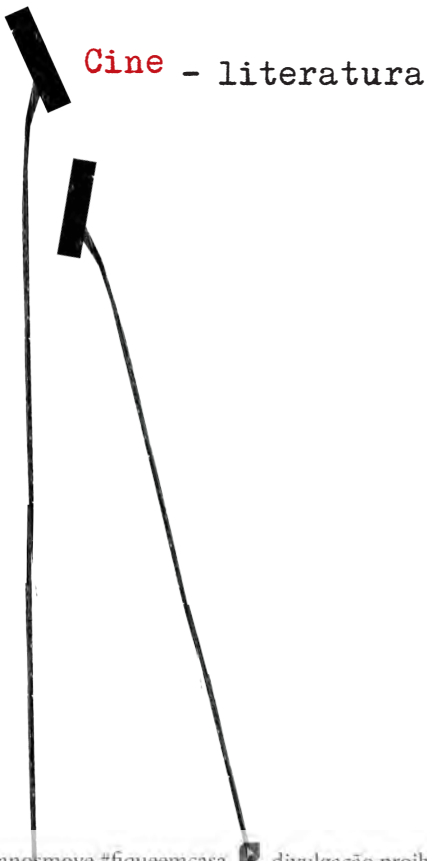
a

G



4

+




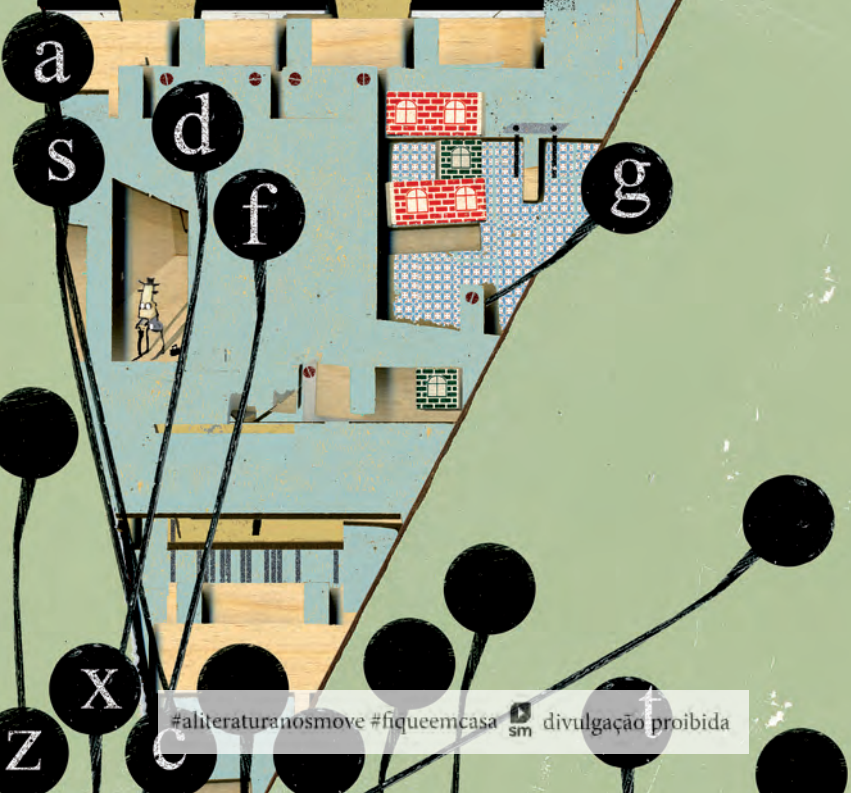
Cine - literatura


O habitante da máquina portátil morava sob a escadinha formada pelas três barras paralelas de teclas alfabéticas QWERT..., ASDFG..., ZXCVB... Logo que ele ouvia o batuque no teto de sua casa, acordava. Era a escrita batida e rebatida do escritor trabalhando no texto, um homem gigante que definia o destino das frases pressionando as teclas pretas e redondas, sobre as quais estavam impressas, em alto-relevo, as letras de nosso alfabeto.

Ao ritmo da música produzida pelas enormes mãos do todo-poderoso autor, o senhor Minúsculo acompanhava o processo de escrita como se estivesse no cinema, deslizando no escuro o olhar admirado.

Ele via a história se criando com letras arremessadas uma a uma, como um chicote, na tela de papel. Por ser tão magro, tão pequeno, o escritor nunca notou sua presença.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Era como um minimenininho submerso no mar de caracteres.

“Se podemos escrever tudo com as teclas”, imaginava o senhor Minúsculo, “esse teclado é como língua em pó: basta misturar letras, números e sinais que a história logo ficará pronta.”

Até hoje ninguém sabe como essa miniatura de gente foi parar ali, sob a palma das mãos do escritor. O fato é que o microssenhor costumava ficar paradinho debaixo do alfabeto metálico, no buraco escuro e silencioso que existe no fundo das palavras ainda não escritas, à espera delas.

Diversão


 favorita

O inacreditável senhor Minúsculo amava aquele lugar. Até do cheiro de graxa ele gostava. Como os ratos e as baratas que saem à noite, em busca de alimentos, ele espreitava a madrugada ansiando pelo produto escondido naquela imensa fábrica de histórias. Afinal, ele sempre fora apaixonado pelas letras antes mesmo de se tornarem palavras.

Quando as folhas brancas de papel saltavam do peito de aço negro da máquina datilográfica, eram como asas espremidas pelo mesmo rolo onde explodiam, perfeitos, os caracteres carimbados pelos tipos metálicos no contato com a tinta da fita. As longas hastes nunca se chocavam durante a escrita, e isso, passados tantos anos, ainda impressionava o morador clandestino.

Tlec, tlec, tlec. A cada nova palavra, o homenzinho das teclas-estilingue pulava de alegria, festejando. Nas lentes embaçadas dos

óculos, na testa úmida, nos olhos comovidos, via-se a emoção brotar à medida que o marcador de ferro tatuava o papel como um filme em preto e branco, mas rodado em cores em sua cabeça.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa



divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa



divulgação proibida

Peletra:

o pen^etra letra

Certa vez, algo extraordinário aconteceu. O pequeno morador das engrenagens viu uma faísca se desprender de uma letra quando pressionada na construção de uma frase. Inquietou-se.

“Engraçado... Que magia será essa?”, perguntou-se o micro-homenzinho, que, até então, não vira nada parecido.

Era como se tivesse escapado dali um pequeno cometa de letras, como se uma girândola maluca de significados cobrisse o céu de seus olhos num átimo de segundo. E ele se deixou levar por essa faísca de múltiplos sentidos...

Atravessou os degraus da máquina, flutuou sobre as hastes, saltou rolos, travas e pinos, em busca do pó de estrelas que viu sair não sabia bem de onde. Subiu na alavanca do braço da tecla pressionada e foi ainda mais alto. Escalou a face branca da folha de papel,

prestes a ser borrada pela fita de tinta vermelha e preta, e avistou a palavra ali escrita:

BOLA

“Só isso? Então de onde veio aquela faísca?”, perguntou-se.

Esquisito vir de uma palavra tão comum, boba até. Pelo sim, pelo não, grudou-se nela logo que a alcançou na página. E dessa maneira rapidamente descobriu! Era uma palavra aberta, solta, que ele podia abraçar e até afundar-se nela, como fazem os gatos quando encontram uma almofada macia.

De olhos fechados, sentindo o carinho reconfortante e balofo daquela palavra simples, sentiu muitas saudades dos tempos de infância, das falas com gosto de açúcar, perfumadas, coloridas, musicais.

E tanto se aconchegou à bola, tanto se ape-
gou a ela que o pequeno vocábulo foi se modi-
ficando até tornar-se outro:

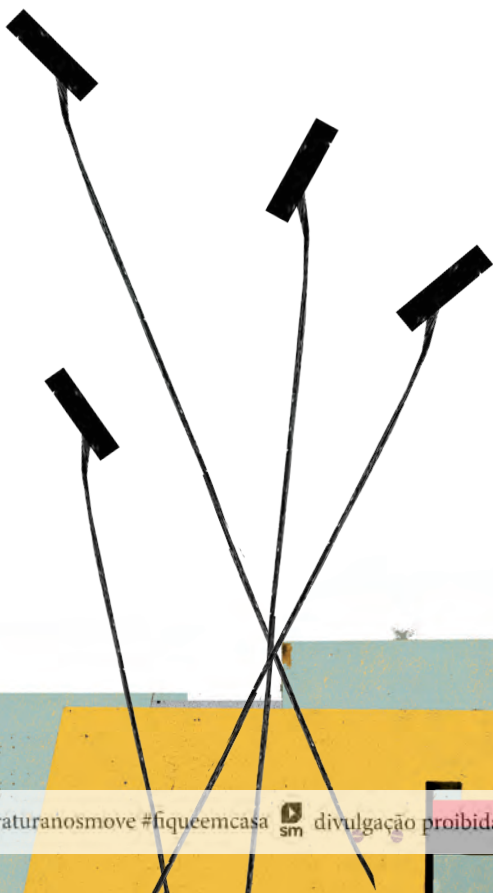
BOLHA

Pois, na brincadeira de abraçar e se esconder,
o senhor Minúsculo — não se sabe bem como
— entrou na palavra, tornou-se parte dela como
uma letra. “Esquisito isso...”, pensou. “Pode
alguém gostar tanto de uma coisa a ponto de
transformar-se nela?”, perguntou-se, aflito.

Passado o susto, relaxou. Deixou-se ficar
ali, aproveitando a magia, deleitando-se com o
inesperado fato de ser, ao mesmo tempo, ele
mesmo e também uma letra. Agora o senhor
Minúsculo era uma ideia movente.

— Toda palavra é uma paisagem! — gritava,
radiante pela descoberta, feliz por estar no
meio dessa aventura maluca de andar colado

às letras, de nelas transformar-se, ainda que sem saber muito bem como fora parar naquele pequeno conjunto de sílabas que o recebera de braços abertos, sujeitando-se a outros sentidos: BOLA, BHOLA, BALHO, BOLHA!



Boia
Bhola
Balho
Boia

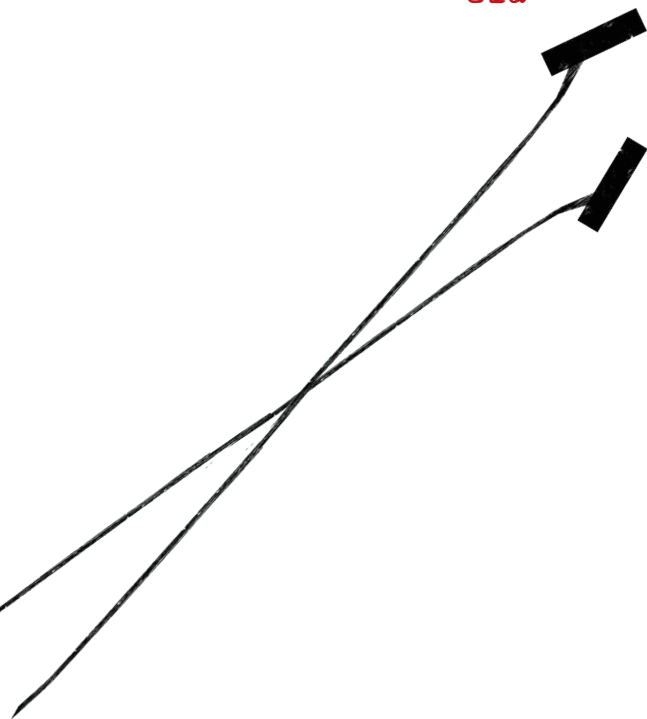




O homenzinho flutuava alegremente entre as novas formas da palavra que havia se tornado tão sua. E assim voou, colado na imensa bola de sabão, bolha boleada de vidro, bolhuda, brilhante.

As paredes transparentes da nova palavra feita dele refletiam cores novas a todo instante. Como um menino, o diminuto senhor Minúsculo viajou na nave de letras suspensas, inventada por ele, uma espécie de balão movido pela imaginação, de onde podia avistar a memória.

No país
da reformagia



Pronto. Depois desse voo maluco, o homenzinho ganhou ares de artista ou de inventor e não parou mais de visitar as palavras, mudando-lhes o sentido, alterando paisagens, reconfigurando cenários e significados.

Elas também pareciam se divertir com o susto da inesperada chegada daquele super-homensinho, poderoso transformador do tempo e das histórias.

CASA – CASAL

(Foi o moço do telejornal?)


GOELA – ELOGIA

(Foi o mágico do circo Garcia?)


BRIGA – ABRIGO

(Foi um ilusionista amigo?)



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Não. Era só o diminuto senhor Minúsculo — escritor sem escritos, reformador da natureza das palavras, revisorzinho de longas cartas, curtos bilhetes, exatos documentos, belos romances e concisos poemas — cortando e recortando letras para trazer à tona as melhores lembranças.

BRISA – BRASIL

NOVA – NAVIO – NOIVA



Assim, com a chegada do homenzinho mutante, tudo se transformava, tudo se tornava novo, mudava-se para perto ou para longe, dependendo da luz de seus olhares, de seus levíssimos ares. E assim era, assim foi. De dia, um pequeno OI; de noite, um imenso BOI.

AVE - NAVE

UVA - LUVA

PÁ - PAZ



Nessas visitas-surpresa que fazia às palavras, elas voltavam no tempo: saíam do sério, fugiam do óbvio, vestiam roupas de teatro, de carnaval, de corrida de cavalos. As palavras mudavam de casa, ganhavam asas, voejavam.

O URINOL – ROUXINOL

GARFO – FRANGO

FORA – FLORA

TROTE – TEATRO

VELA – VELHA

MUDO – MUNDO

LÁPIS – PILHAS

AMOR – AMORA

ATO – PATO

BICO – BICHO

FLOR

FLORA

o urinol

Tourxno1

rote
teatro

ave

mudo mundo

LÁPIS
FILHAS

BRIGA
ABRIGO

vela
velha

Com a chegada do ilustre convidado à festa das palavras, elas adquiriam nova cor, outra cara. Fantasiadas, saltavam sapecas na página, feito moléculas de som: bicicleta, pantufa, chiclete, compota, cafona, caipora, pipoca, cocota, rococó, perereca, borogodó, piparote, fofoca, riponga... Ele adorava fabricar palavras assim, molecas. Pegava as aparentemente sérias e logo as deixava espoletas:

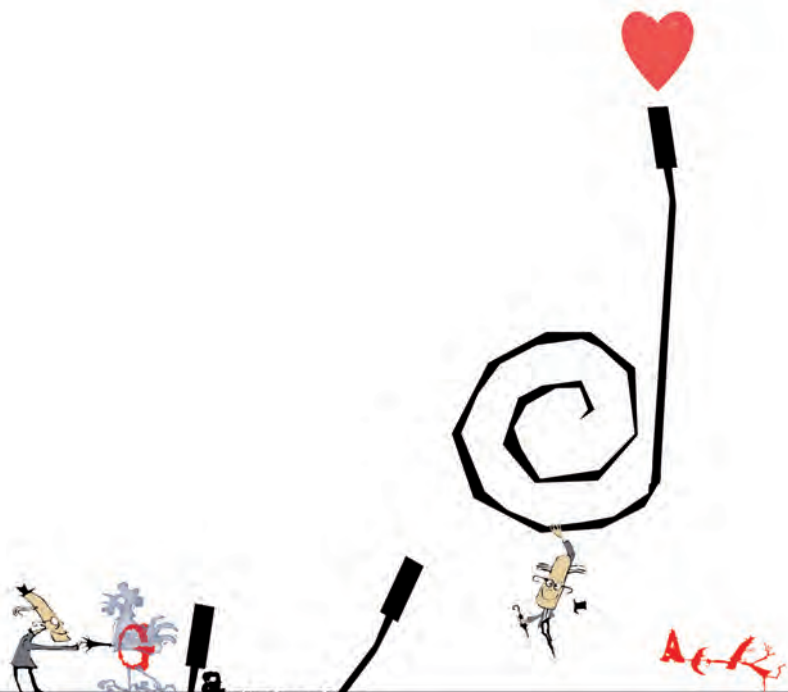
CAÍQUE - CAIAQUE

BRUTA - BIRUTA

SABÃO - SÁBADO CABRA - BRUACA


CUCA - CUECA

Sempre que soava o tec-teclar da máquina de escrever, derramando para fora das mãos o conjunto de letras com cara de sílaba e o conjunto de sílabas com cara de palavra, lá vinha o senhor doutor Minúsculo todo animado. Corria, pulava, voava e, encantado, agarrava-se aos galhos metálicos do teclado. Neles se balançava feliz, cantando ao som da novidade.



Dentro-além

da palavra



Assim, por muitas e muitas páginas, viveu feliz aquele homenzinho antigo, brotando das entreletras, surgindo nas entrelinhas, enrolando-se nas entrefolhas das histórias espalhadas no papel.

O diminuto e menos que mínimo senhor Minúsculo dependurava-se nos vestidos coloridos das palavras (*do mato crescido no lote vazio do arame esticado da roupa secando no chão dos quintais das casas dos gatos listrados encaracolados sumidos na paina de um travesseiro bordado com a rosa dos sonhos dormidos e desacordados das linhas de lã das manhãs*).

O letrado tratorzinho, infiltrado agente secreto das letras, enganchava-se nos pés das palavras (*desses tronos de baobá roxo dos reis esquecidos aos pés dos palácios do véu do passado real da família vai bem obrigado*

dos tipos jorrados das fontes seguras daquele segredo que é tão bem guardado dos sete chaves do entendimento).

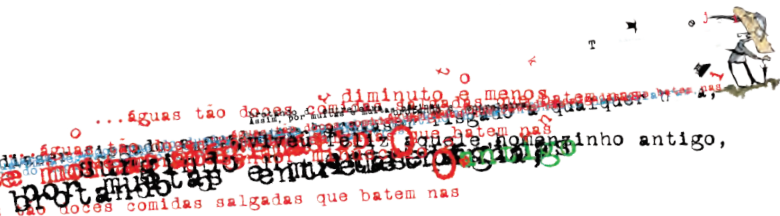
Esse homem abecedáblio minuscular podia ser fisgado a qualquer hora, nos pontos de interrogação (*do aço do anzol tão azul que nem toca os peixes das águas tão doces comidas salgadas que batem nas pedras impuras dos rios maestros da linha suave navegável dos mares traiçoeiros do duplo sentido do mal-entendido).*

E o palavrosinho se enfiava nas grotas das vírgulas e se afogava afobado de ver tão vivo o verde das palavras (*do lodo do chão dos regatos das minas espertas da gema dos ovos dos coelhos da Páscoa dos novos relógios da chuva das gotas*



de mel do cacau chocolate no sol derretido das portas das fábricas feias nas poças do barro do chão pantanoso do céu que escorrega no doce caído no creme de leite no prato cuspidos).

E, mesmo quando chorava, esperneava contente o teimosinho das palavras (*na testa do pé sem cabeça dos pregos dos velhos macacos do não sei nadar sem a boia furada da imaginação do martelo de ferro torcido do rabo das onças das matas fechadas de verde e amarelo do lado de fora da estrada do pobre casebre largado no pó pedregoso no nó labirinto sem poste de luz do sertão de ninguém estar lá).*




#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida




a ob i z



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida


o senhor
feito

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



menzinho frouxo

vra s

diminúsculo enovelava-se  divulgação proibida
 gato as ruas do cães liberadas

E girava então o homenzinho frouxo na roda das palavras (*das bicicletinhas da vida daquelas crianças sem bici das praças sem graça dos bairros mais tristes das casas do incômodo modo de só ter um cômodo de uma só cômoda para a comédia de acomodar a família do pai de família da minha cidade sem pai de família do interior das pessoas de bem e de mal*).

O senhorzinho diminúsculo enovelava-se feito gato às fitas de cores listradas das palavras (*que não são mais vistas das nuvens de gaze amarelo coladas no branco do olho do algodão doce tingido de rosa nos tombos dos sapos sapatos das festas violas furadas por um violeiro ladrão dos diamantes dos voos escuros da cor de violeta em torno do bicho malandro do morro vermelho dos sete buracos da nossa cabeça do fundo do fundo*).

O homenzinho do palavreado de gritos tão mudos pegava o galope do cavalo baio

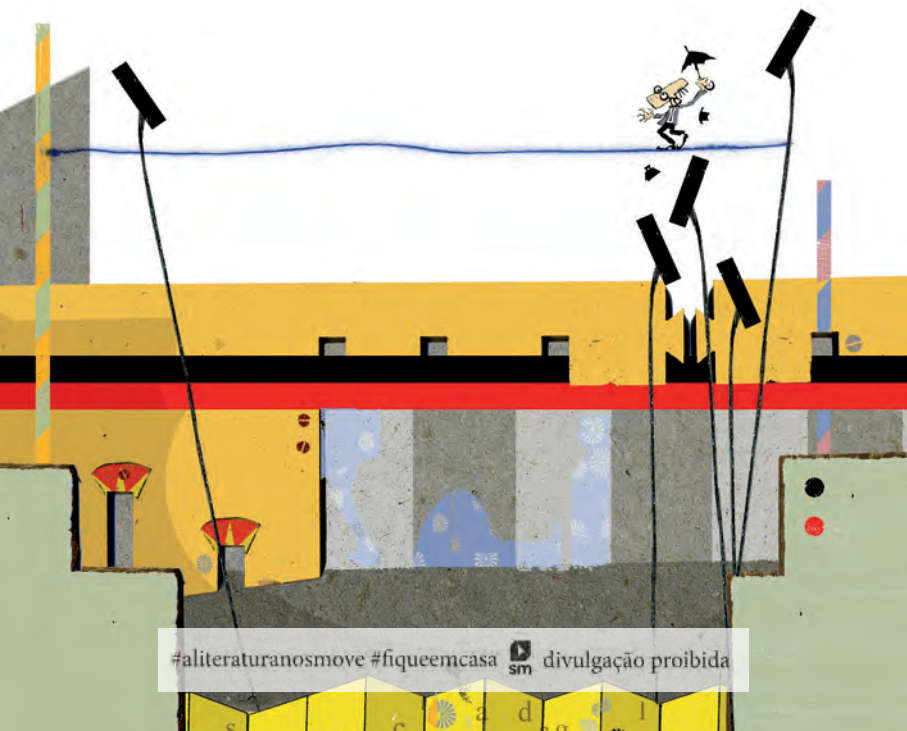
das palavras (*no topo das ondas das altas antenas dos prédios mais altos da rua mais larga da torre mais feia da moça mais bela das tranças mais longas aguadas com o choro dos nove cachorros inexperientes da vida sem teto sem mesmo ração e sem dono ou razão*).

O homenzinho tonto das teclas carimbantes enroscava-se até no cabo das palavras (*das velhas colinas do alto das serras da era do fogo do mar agitado das grandes geleiras do seu mapa-múndi do globo da Terra distante daquele planeta gigante do bolso da bola de gude do olho de vidro do seu Aristeu o pipoqueiro*).

E viajava o alpinavegador das folhas perdidas no dentro do livro dos segredos das palavras (*de um velho vulcão das ilhas de lava das noites sem lua com cara de cobra de vento do sol na sombrinha da água do*

mar da baía de Todos-os-Santos que salvam a pele do corte e da quebra de não se escrever a verdade).

E o tal homenzinho amarrava-se no pico da bandeira das palavras (*das latas de molho nas cordas dos carros da lua de mel das abelhas de cachos de estrelas de flores roídas de um picadeiro enroscado na rede de mil trapezistas dos circos mambembes do elefantinho*



da graça sem graça dos sete palhaços do nada do branco que rouba a palavra de hoje não tem goiabada não tem marmelada não tem não senhor).

O senhor pequenino entortava as grades que prendiam os bichos ferozes das palavras (*do hoje vai ter espetáculo vai ter sim senhor dos aros de fogo do grande chicote do mau domador do leão velho e cego do macaco manco do homem-gorila da mulher barbada com o fio de vida que tem de repente no susto no sopro de morte na chama da vida).*

E assim ia o petitipo da antiga máquina de escrever, rodando pela bateia do ouro das palavras (*do rio das pedras da gruta do sal de vidro no cofre da joia de orvalho no brinco da folha do pé de pitanga do choro da manga da mata perdida por uso da faca do medo do rei caçador sem medo algum do corte da dor).*

Dsm 2.0



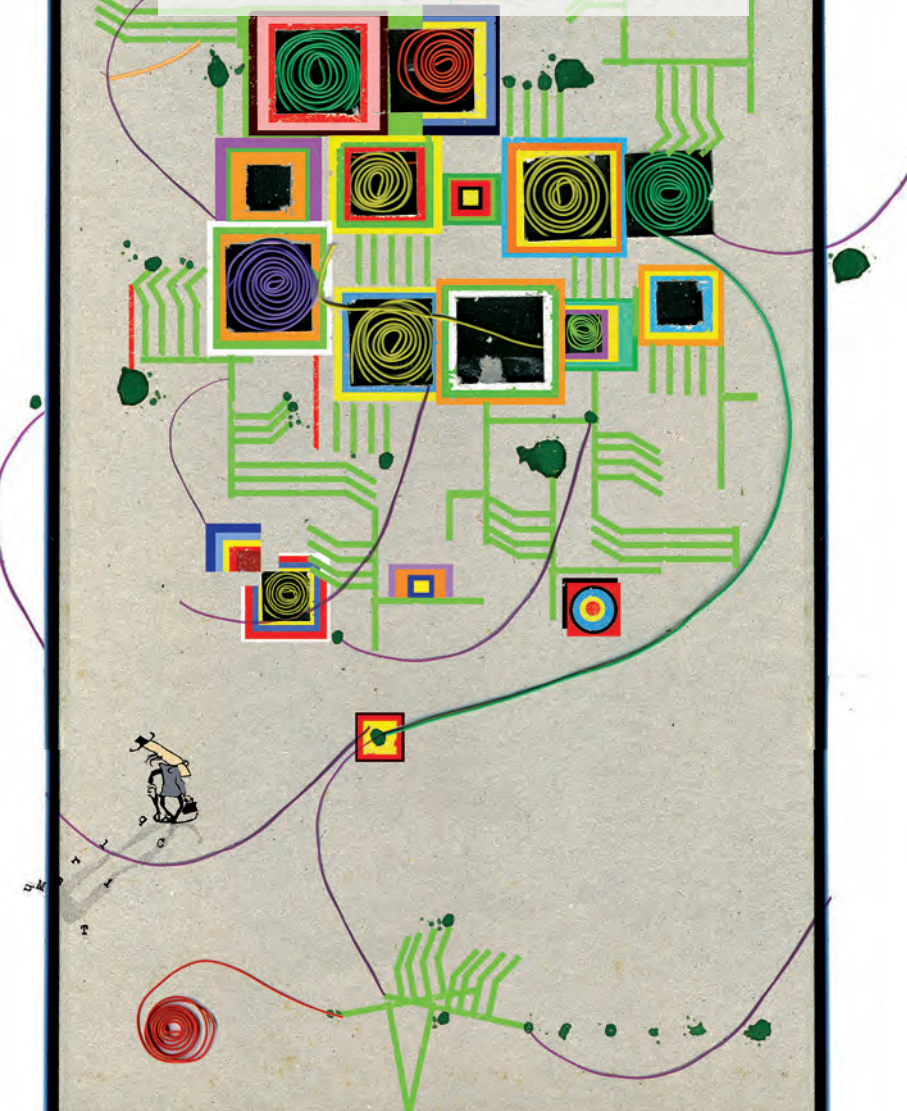
O diminuto senhor Minúsculo estava muito feliz com sua vida de escritor-mosquito, voando daqui pra lá, de lá pra cá, pousando alegre nas páginas como letra de brinquedo que tudo refaz.

Acontece que, um dia, sem que soubesse muito bem como, tudo mudou. Levado pela curiosidade, ele foi parar, acredite, num *chip* de computador.

Como já estava acostumado a se ajeitar em toda frase, em toda sílaba, não foi difícil para ele acomodar-se também nas pequenas placas que havia dentro do aparelho de escrever, recém-chegado à casa do escritor. E o diminuto senhor Minúsculo passou a jogar seu jogo de letras-relâmpago dentro da nova máquina.

Não demorou muito, veio a internet, e o homenzinho viu que por meio dela podia chegar instantaneamente a toda parte para fazer seu malabarismo de sílabas inventadas. Com o tempo, invadiu *desktops*, *laptops*,

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

palmtops e os telefones mais *top* que foram surgindo por lá, um após o outro, numa velocidade impressionante.

Do escritório passou para a casa toda; dali, para as escolas, para as lojas, depois para as redações de jornais e todos os tipos de empresa. Agora, autodenominado DSM, visitava monitores, telões, televisores e computadores de vários lugares do planeta, zunindo pelo Wi-Fi, cruzando a galáxia da web, fazendo *iô-iô-iô-iô-iô* no Brasil, no Japão, no Afeganistão. Tudo num piscar de olhos.

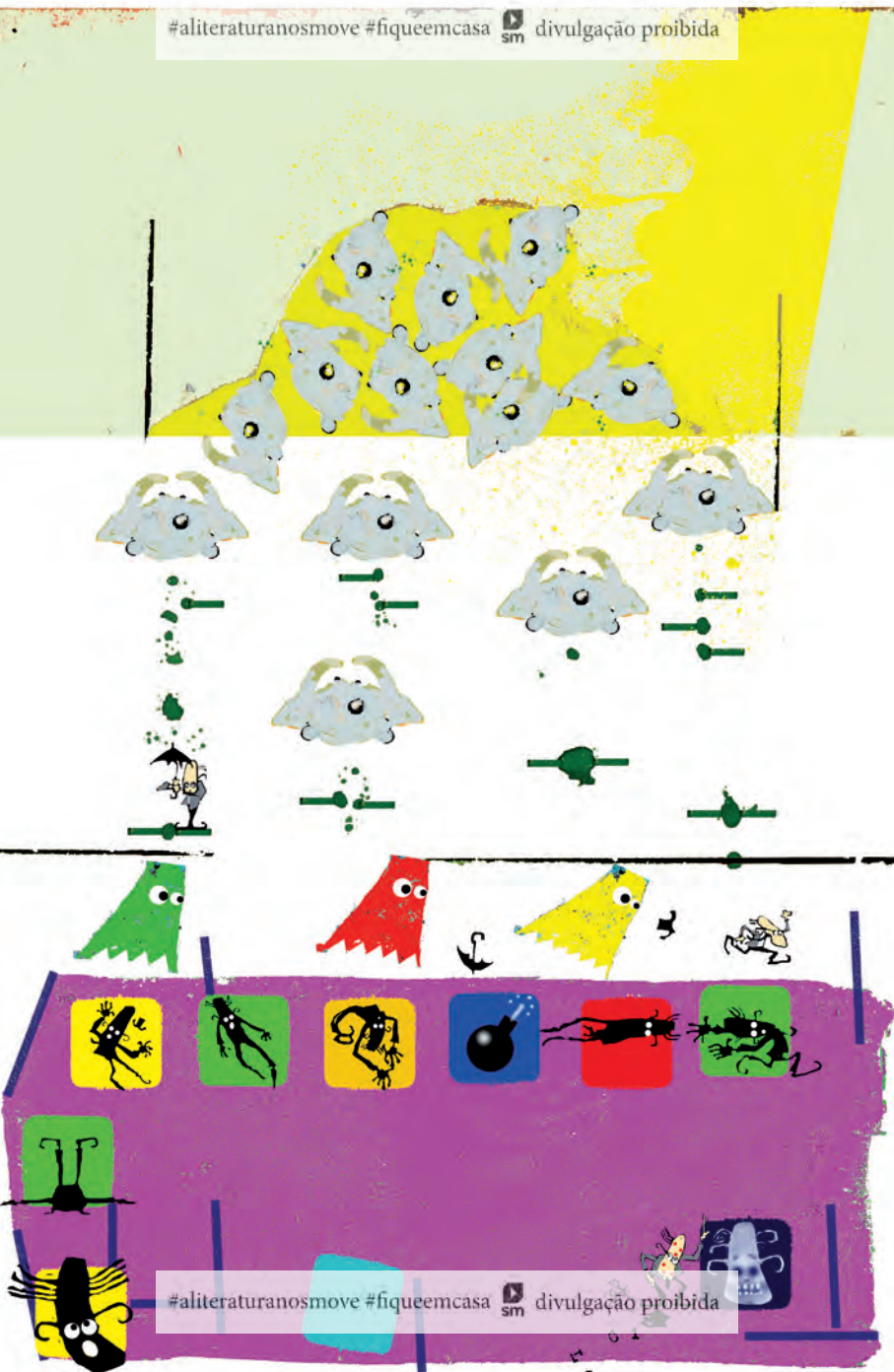
Espremia-se no poste da TV a cabo, reformatava-se na nuvem de dados dos sistemas operacionais e derramava-se por todo o mundo virtual, derretendo e refazendo o sentido das coisas, já que as coisas não têm mesmo apenas um sentido.

Entrou em todos os jogos de computador que podia. Comeu cogumelos, catou diamantes,

encheu muitas arcas de tesouro. Numa dessas aventuras, até foi ferido gravemente com tiros de metralhadora enquanto fugia de ataques alienígenas que, com setas de fogo, lhe atiravam zumbis da cidade perdida. Nos cenários virtuais, modificou placas e tabuletas, transformou algumas legendas, mas logo desistiu do mundo dos *games*. Ele sentia falta da surpresa, do esconde-esconde das palavras do escritor.

Nesse novo planeta em que se viu, DSM logo notou que, em questão de segundos, as pequenas coisas que fazia ficavam muito grandes, as brincadeiras mais bobas tornavam-se sérias. Embora muitas palavras faiscassem com sua interferência, como acontecia nos velhos tempos, elas explodiam mais potentes, fora de controle, longe de seu campo de percepção.

Atirado de uma máquina a outra, o saci diminuto do teclado, que já era meio maluco,



ficou louco varrido. Tornou-se um homenzinho assustado, escondido ora no sistema do aeroporto, ora num supercomputador da Nasa, fugindo desesperado do corretor ortográfico, que desfazia tudo o que ele inventava. Tinha saudades dos tempos em que era apenas letra. De quando ingenuamente incorporava-se às sílabas, mudava-lhes a cara, dando nelas um susto bom de novidade. Sentia falta de flutuar com as palavras, de sentir-lhes o frescor quando revestidas de novos sentidos. Agora, não.

Agora, sua presença confundia o sistema como um vírus, embaralhando frases, trocando notícias do jornal, eliminando textos inteiros do computador. E as mensagens de uma pessoa, de um grupo, de um país inteiro mais confundiam



do que informavam. As palavras com ele já não brincavam. O contato íntimo, letra a letra, se desfez na correria das telas mundo afora.

Forçado a viver virtualmente, correndo atrás do que *zup!* já passou, o microssenhorchip desistiu de funcionar. Não via mais graça no que fazia. Mesmo estando presente em vários lugares ao mesmo tempo, sentia-se como se não estivesse em lugar algum. E então o homenzinho DSM 2.0, muito contrariado, resolveu encerrar nesse ponto sua viagem pelas terras movediças dos vocábulos desinventados.

E parou.



Apoie: POE^SIA

Mais cansado do que triste, voltou para a velha máquina de escrever. Ela estava um pouco empoeirada, mas talvez ainda funcionasse. Ou seriam seus óculos que precisavam de uma boa flanela?

De todo modo, para ele, não havia no mundo lugar mais inspirador que aquele. As letras, presas em hastes metálicas, eram como as entradas de um imenso dicionário prestes a ser inventado. O mecanismo era simples: bastava carimbar as palavras no papel e pronto.

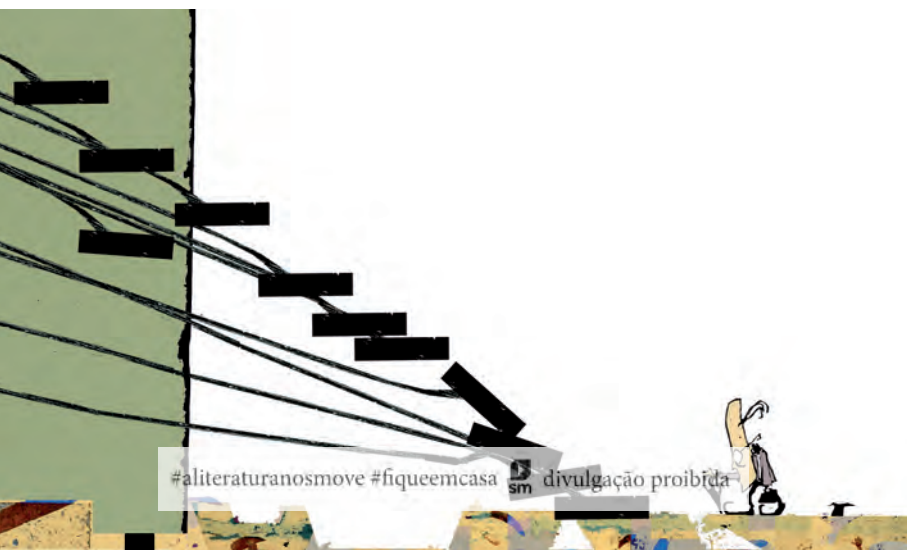
Ele encostou seu guarda-chuva num canto, pôs sua pequena valise em outro e observou novamente seu quintal de arame, sua tela de rolo. Tudo permanecia ali. Em silêncio.

O senhor Minúsculo descobriu, de uma vez por todas, que amava a vida de antes. Gostava mesmo era de vislumbrar as faíscas das

palavras no instante em que ganhavam vida no céu de papel ou, agora, na tela do escritor.

Era apenas isso o que ele queria, ficar pondo figura nas letras, dançar entre elas, descobrir a cara das coisas quando elas são escritas. Observar as palavras de dentro, provocá-las a ponto de soltar faíscas.

Quando o escritor não estava batucando suas histórias no teclado de seu computador, o senhor Minúsculo ficava em seu antigo jardim de letras, inventando nomes. Batizava calmamente as coisas-coisas, os seres-sérios, os sentidos-consentidos, as ideias-ideais, os desejos-secretos das pessoas ou, simplesmente, as



peças. Arranjar-lhes nomes era, de algum modo, habitar o mundo.

Na cabeça diminuta do senhor Minúsculo, as letras podiam ser flores, sementes ou folhas brincando ao vento, pairando sobre o gramado do texto. Como ele era muito solitário, as letras vinham exatas como pássaros pousar em sua mão e lhe fazer companhia nos momentos em que sua palavra estava esvaziada, sem sentido, ou apenas triste.

E ele ria muito, porque as conhecia muito bem; sabia que elas adoravam sair para brincar de fantasia. Era o que lhe diziam o tempo todo, secretamente.

“Isso mesmo!”, pensava o miniletra. “As palavras amam correr por aí, rodar no carrossel do sentido, voar, mergulhar e, depois disso, retornar ao dicionário, cansadas, mas felizes, como cães na volta de uma corrida ventilada pelo amor a seus donos.”

De noite, algumas noites, quando todos estão dormindo, o quase invisívelzinho ser dá uma de suas escapadelas e visita, como poeta que é, as palavras dos escritores que trabalham de madrugada.


Troca as coisas de lugar, inverte a chave da porta, muda o endereço da carta, vira a roupa do avesso e pinta as palavras de outra cor. Feito isso, o inacreditável e diminuto senhor Minúsculo volta rapidinho para sua velha máquina de escrever e lá se ajeita, como tem de ser, antes que o sol apareça de novo, na fresta de luz sob a porta, na paisagem das palavras **ALVORADAS**.

RIO - RISO

MÁ - MÃE

SONO - SONHO

FM - FIM

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Riso - Riso

Mã - Mãe

Sono - Sonho


t


c

x




g


#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida


#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Marcílio Godoi nasceu em Minas Gerais e mora em São Paulo. Trabalhou como arquiteto, capista e jornalista antes de tornar-se escritor. É autor de *A pequena carta*, uma fábula sobre o descobrimento do Brasil; *São Paulo, cidade invisível*, uma crônica afetiva das ruas; e *Pequeno dicionário ilustrado de palavras “Invenetas”*, entre outras obras. De uma maneira ou de outra, em todos os livros que escreveu, o senhor Minúsculo aparece fazendo uma pontinha.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Marcos Garuti nasceu e vive em São Paulo. Desenhista autodidata, ilustra livros para crianças e jovens desde 2006. Em 1999, foi premiado com o troféu HQ Mix de melhor ilustração. Ele gosta de usar cores fortes em seu trabalho, que é cheio de detalhes, resultado da combinação de várias técnicas como carimbo, colagem e decalque.

tipografia Sabon e HOLLYWOOD STARFIRE

papel Offset 120 g/m²

